

O HOMEM LIVRE

Redator-chefe: José Ferraz

Rua S. Bento, 58 — 2.º andar — Telefone 2-3780

Diretor-gerente: José Pérez

Ano I

S. Paulo, 3 de Junho de 1933

Num. 2

“Realidades brasileiras” “A França, paiz negro” A internacional nacionalista

Ninguém entre os que, nos tempos do P. R. P., se serviam das “realidades brasileiras”, do engraçado grupo verde-amarelo, como motivo para comentários irônicos que viviam a situação política então dominante, podia prever o aparecimento em São Paulo das “camisas cor de arilona”, com a sua saudade à romã e emblemas copiados do racismo alemão. E isso não porque se tivesse em vista a “sinceridade” dos “verde-amarelos”, a sua “coerência” em sentir tudo “brasileiramente” e em não admitir que não fosse “nosso”; mas porque, sendo um movimento literário que monopolizava todos os bichos e frutas nacionais, para a confecção de suas metáforas e imagens, era de se esperar que na hora de ser retirada a máscara com que enfeitavam os discípulos de Torquemada a careta reacionária, escolhessem símbolos que não destoassem das famosas “realidades”. Em resumo: toda a gente esperava que o sr. Plínio Salgado escolhesse para os panos que empunham os seus centuriões não o sigma grego cuja forma lembra a cruz swástica, mas uma banana ou um abacaxi; e que as camisas de sua milícia fossem não da cor das arilonas italianas mas daquelas que ostenta o auri-verde pendão. Para os “verde-amarelos” mais sinceros — para o sr. Cassiano Ricardo por exemplo — deve restar a esperança de que o sr. Menotti del Picchia, quando organizar as suas tropas de assalto aja mais “brasileiramente”. Mas, ah! os tempos mudaram! Agora, o autor de “Revolução Paulista” vestirá certamente os seus futuros fuzis de preto e branco.

sua marcha implacável para a tomada do poder. Até que ponto podem ser tomadas a sério, no Brasil, as ameaças fascistas? Para se responder a tal pergunta torna-se necessário precisar a distinção, de uma maneira geral, entre a ditadura fascista e a ditadura do tipo comum. A ditadura fascista (que aparece por enquanto, de maneira típica, na Itália e na Alemanha) caracteriza-se nitidamente — mesmo quando sob a pele de “Partido Operário Nacional-Socialista” — pela ação que desenvolve contra as classes trabalhadoras. Quando as mais largas camadas das populações começam a adquirir consciência política de seus interesses, organizando-se em agremiações de defesa econômica e de ação política, em associações de caráter científico e cultural, para os fanáticos, a democracia começa a falir. Enquanto o povo permanece no obscurantismo religioso, mergulhado no analfabetismo e, por isso mesmo, na inocência absoluta de sua força e das possibilidades imensas, maravilhosas e ilimitadas que podem proporcionar à humanidade o formidável desenvolvimento a que atingiram as forças produtivas do mundo moderno, a democracia era a forma de governo ideal. Bastou que uma minoria se visse ameaçada nos seus privilégios, para que a democracia fosse hipocritamente apontada, (ao lado dos judeus...) como a maior causa dos males da nossa época. Não é necessário mostrar o que essa atitude encerra de degradação, de abjeção e de podridão.

Não se podia esperar, realmente, dos “verde-amarelos”, outra coerência senão a das imagens literárias. E essa mesma verifica-se agora que não existe. O sr. Plínio Salgado, de “teórico” do perrepsismo, passa, com o intervalo do mês de Outubro de 1930, a “doutrinador” da Legião Revolucionária. E isso não porque os oportunistas que lhe haviam tirado a cadeira de deputado, podiam dar-lhe uma melhor sincera, mas principalmente porque o “iluminado” transpunha as fronteiras do seu sonho messianico. Hoje, chefe incontestado das “camisas cor de arilona”, ele afirma que não está longe o dia da

A missão histórica do fascismo é, pois, garantir a inviolabilidade dos privilégios da minoria opressora, tendo para isso de aniquilar, primeiro servindo-se de uma baixa demagogia, e depois da violência, todas as organizações das classes trabalhadoras e todas as agremiações que refletem as atividades da vida moderna. Recorre-se de novo ao opio das religiões, procura-se resuscitar defuntas e hypotéticas “aristocracias”, as corporações, etc., etc.

AS RAZÕES DO SUCESSO DO PARTIDO FASCISTA

O quotidiano mussoliniano “Fanfulla”, editado nesta Capital, publicou no último domingo, com bastante relevo, o seguinte telegrama:

“Roma, 27 — Na sessão de ontem do Grande Conselho Fascista, o Secretário Geral do Partido, on. Starace fez um relatório sobre a situação geral do Partido e sobre o funcionamento de suas obras de assistência.

Segundo tal relatório, o número dos aderentes ao Partido é, atualmente, de 2.045.792, apresentando um aumento de cerca de 570.000 membros sobre o quantitativo do último ano.”

A primeira vista, as forças fascistas podem parecer imensas; no entanto, para quem observar o fenômeno com algum conhecimento das “realidades italianas”, elas não o são, absolutamente.

A prova disto nos é fornecida por este outro telegrama publicado na “Folha da Manhã”, no mesmo dia o segundo o qual, “O Conselho dos Ministros, reunido sob a presidência do sr. Mussolini, aprovou o decreto que estipula como condição para o ingresso em qualquer cargo público, a inscrição no Partido Fascista.”

Ora, bastaria somar o número dos empregados e operários em correios e telegrafos, dos ferroviários (que, na Itália, dependem do Estado) ao dos professores primários, secundários, médios, advogados, empregados de bancos, etc., sem esquecer-se dos 300.000 camisas pretas das várias milícias, para transportar, imediatamente os 2.000.000. E, dado que a população italiana é de 42.000.000, depois de tal decreto resulta que, na terra de Mussolini existem 40.000.000 de cidadãos ostensivamente anti-fascistas.

(Qual seria a opinião de Hitler sobre o Brasil?)

“O “enegrecimento” (da França) faz progressos tão rápidos que se pôde efetivamente falar da constituição de um Estado africano sobre o solo europeu

Se o desenvolvimento da França continuar durante trezentos anos do mesmo modo que hoje, os últimos vestígios do sangue franco desaparecerão no Estado mulato europeu-africano em vias de se crear. Seria uma vasta zona de povoação, fechada, estendendo-se do Reno até o Congo, ocupada por uma raça inferior, que se criaria lentamente em consequência de um abastardamento prolongado”.

(Extraído do “Mein Kampf”, livro da autoria de Adolf Hitler, publicado em Munich, em 1932).

NO III REICH



“Empresas judaicas interditas” — Do Notenkraaker, Amsterdam

COMO O “DUCE” INTEGRALISTA VIU A ITALIA FASCISTA

O fascismo italiano, teve suficientemente — como era de desejo do seu “duce” exibicionista — as honras do papel impresso, o bastante para poder entrar na galeria histórica das coisas feias, à semelhança dos outros dois movimentos tipicamente italianos, dos quais descende em linha réta: a maffia e a camorra.

Sobre o fascismo escreveu-se, talvez, tanto quanto sobre a personalidade de Jesus Cristo e sobre a revolução paulista. Referimo-nos, é claro, à Itália, onde só se fala e lê sobre as glórias e as conquistas do futuro Imperio de Roma e da natureza divina do “duce” imortal que descenderia, segundo os estudos do barbeiro Dolcetti — biógrafo oficial do “fuhrer” latino, — de Enéas, como o seu parente e colega Cesar Augusto.

Na França já alcançam a centena os livros contra e a favor do fascismo. Na America do Norte os estudantes das Universidades tratam exclusivamente de fascismo em suas teses de bacharelado, desde que as teses sobre o jazz-band” e a arte de Maurice Chevalier caíram da moda.

Isto acontece enquanto todas as igrejas, católicas, protestantes, etc., concordam em proclamar Mussolini como um novo Jefe enviado à terra pelo augusto Conselho da Divina Providência afim de realizar o sonho do menino Miguel Reale e daquele Antonio Conselheiro em casa conhecida pelo nome de arte de Arlindo Veiga dos Santos.

No Brasil, apesar da propaganda destes dois poderosos pensadores o sucesso da ideia mussoliniana foi um tanto murcho. Realmente, não se pôde negar que calabreses do Bexiga e os napoletanos da rua Caetano Pinto

sejam ardorosos adeptos de Mussolini; mas é preciso notar que essa boate sempre trocou, ingenuamente, o “duce” pelo popular “brigante” calabrés Mussolino. Existem, também, Alcides Penteado (que escreve fascio com ch), Menotti Del Picchia, que depois de ser futurista deveria necessariamente declarar-se fascista; Sud Menucci, que, numa entrevista concedida ao “Fanfulla” poucos dias antes das eleições, achou que Mussolini é um Alexandre Magno e um Julio Cesar redivivo (talvez pela gloriosa conquista de Corfú) e Luis Amaral que, retour d'Italie descobriu, também elle, a pólvora, observando que devido ao fascismo, os trens italianos entram no horario.

E depois — à tout seigneur tout honneur — veio Plínio Salgado, com a sua brava publicação ad hoc. Pliniozinho escreveu um folheto de apenas 11 paginas, quantas lhe bastam, porém, para instruir-nos sobre a Italia fascista (1). Não encerrou, Alberto Einstein, toda a sua teoria do “campo restante” em 12 paginas? Os genios, como se vê, encontram-se sempre.

O duce da futura marcha sobre o Anhangabahú — também nisto original — não recolheu, como Ludwig, os pensamentos do Duce, não andou pelas redações dos jornais, como Henry Beraud, não interrogou os operários das fabricas e não assistiu às sessões do Tribunal Especial, como Alfredo Kurella.

Este trabalho de reporter de se- (1) — Plínio Salgado (da Academia Paulista de Letras) — Como eu vi a Italia — S. Paulo, s. d. — Sociedade Editora Latina. (Continua na 2a. pag.)

O advento do fascismo alemão ao poder foi, para as corujas reacionárias espalhadas por todos os países, como uma surpresa alvitreira na noite da crise mundial. E as corujas, de lugubres que eram se transformaram em galbas tagarelas e otimizistas.

As tristes perspectivas desse crepusculo de regimen de repente mudaram, transformadas numa aurora radiosa. Bastou que Hitler, subisse na Alemanha, graças não aos seus próprios méritos, mas sobretudo à inesperada falta de resistência da classe operária, paralisada na sua energia por dois formidáveis aparelhos partidários fossilizados.

Vitorioso o fascismo na Italia há mais de dez anos e agora, paradoxalmente, (numa situação objetiva ideal para as explosões revolucionárias, com a crise econômica, a crise das instituições políticas em permanência, com massas trabalhadoras organizadas, dentro de uma rigorosa disciplina de classe), de novo na Alemanha, ele consegue assim redondar os braços já muito empalmeados no seu modelo primitivo, e ganhar um novo crédito... de tempo. E' insagavel.

O campo fascista, na obliteração mental que o caracteriza, tem mesmo que perder a cabeça com esse sucesso inesperado. Sim, o proletariado foi vencido na Alemanha; as liberdades populares foram all empagadas. Esse triunfo repercutiu internacionalmente, indo reacimar a coragem, a audácia e as esperanças da corja obscurantista vordidamente apegada aos seus privilégios de casta e de fortuna.

Os capitães de mato, perseguidores das liberdades publicas e de toda ideia de emancipação social afagam o desejo paradoxal de internacionalizar... o próprio nacionalismo. Já o órgão “Internacional” do fascismo — “Ottobre” — pretendeu constatar que, enquanto o socialismo científico tende a isolar-se, fechando-se dentro das próprias fronteiras russas, o fascismo ao contrário tend a transbordar dos limites do Estado, tornando-se um sistema internacionalizado.

Mas a marcha acelerada dessa “Internacionalização”, do fascismo não é a prova de sua vitalidade, como pensam estupidamente os sádicos amantes do manganelo e do oleo de ricino. E, ao contrario, a demonstração de sua inconsistência orgânica, da sua fraqueza intelectual em frente à marcha irresistível dos acontecimentos e a dialética de suas contradicções. Internacionalizando-se, o fascismo desnuda-se na cruzada bestial de sua nudez crapulosa. Simplifica-se, despidendo a sua demagogia para uso interno, aparecendo como mero instrumento que é de opressão das massas, na defesa dos mais sordidos interesses mueriais, dos privilégios de casta mais empedernidos, dos mais tenebrosos obscurantismo, de tudo isso enfim que é o

patrimônio de uma categoria social formada tanto de arrianos como de ceitas, de brancos e de amarelos, de mestiços ou não, de cristãos ou de judeus — os plutocratas.

O fascismo é o resultado extremo da ideia nacionalista, ameaçada de morte pelas irreprimíveis tendências internacionalizadoras da economia, pelo desenvolvimento inexorável das forças produtivas. O Estado nacional, obra da burguesia revolucionária dos fins do século XVIII — incoercível imposição das necessidades de desenvolvimento das forças produtivas da época (a revolução industrial na Inglaterra, o maquinismo, etc.) — destruindo o localismo e os privilégios de casta da economia feudal, e a centralização excessiva e burocrática do Estado absolutista, pôde, durante quasi um século, dentro das próprias fronteiras, armar o novo aparelho, produtor da grande industria moderna, elevando o grau de desenvolvimento técnico a uma altura inatingida por todos os séculos passados, acumulando fabulosas riquezas materiais e culturais. Nessa ascensão vertical, criou-se a Ideologia nacionalista, cobrinha púdicamente, como um pavilhão, a luta feroz e egoísta pelos interesses e pelos mercados.

A capacidade técnica, como as próprias forças produtivas, não tem limites teóricos para o seu crescimento, do mesmo modo que a caça desenfreada ao lucro não pode parar, imposta pelas leis da concorrência. Mas os mercados nacionais, limitados por indestrutíveis barreiras materiais, não são elásticos. Cedo tiveram que ser transpostos, e a corrida vertiginosa da concorrência varou os grandes mares, procurou os continentes, abarcou o mundo. Hoje, a terra é pequena demais, e os Estados nacionais autônomos ainda a tornam menor. As rivalidades cresceram entre os Estados, as guerras se universalizaram. Dentro das paredes de cada Estado, o choque de interesses opostos toma um caráter cada vez mais violento e a guerra interior de classes se prolonga dialeticamente pelas guerras mundiais de Estados contra Estados, de continentes contra continentes.

Assim, o Estado nacional é uma sobrevivência política reacionária. As forças produtivas se chocam cada vez com mais impeto contra as leis do nacionalismo estatal, que transformou-se num leito de Procristo para as forças da produção. O fascismo é a tentativa desesperada para conservar essas energias produtoras dentro da camisola de força do Estado nacional. A produção é constituída por duas partes essenciais: uma parte passiva, formada pelo aparelhamento puramente técnico, (máquinas, etc.) e pelas matérias primas, e uma parte ativa, ariva, o conjunto dos trabalhadores. A primeira parte não ofe-

(Continuação da 1a. pag.)

São Paulo, colonia do imperio facista

“700.000 ITALIANOS SE ENCONTRAM EM NOVA YORK, 400.000 NO ESTADO DE S. PAULO, ONDE A LINGUA DE ESTADO TERÁ DE SER A ITALIANA, E 120.000 NA TUNISIA ONDE, MUITO PROVAVELMENTE, OS COLONOS SICILIANOS TRABALHARÃO AMANHÃ SOB A REGENCIA ITALIANA.”

(Benito Mussolini — Discorsi Politici”, Edição do “Popolo d'Italia”, MILÃO, 1921 — Discurso de 20 de setembro de 1920, em Trieste.)

O encantamento de um interventor brasileiro

Carlos de Lima Cavalcanti, fundador de um partido social-democrata, ardente sympathizante do fascismo...

Foi publicada ha dias esta preciosa: BERLIM, 27 (A. B.) — O sr. Guerra Durval, ministro plenipotenciário do Brasil, junto ao governo alemão, fez entrega hoje de uma carta autografada sr. Carlos de Lima Cavalcanti, interventor federal em Pernambuco, ao chanceler Hitler, carta essa que está redigida nos seguintes termos: “A sua excelencia, o chanceler Hitler, com ardente simpatia e admiração sincera, as saudações de Carlos de Lima Cavalcanti.”

“Ao anunciador da Joven Alemanha, em signal de admiração e simpatia e com os agradecimentos pela entrevista que concedeu ao “Diário da Manhã”. Essa ultima missiva se refere a entrevista que a imprensa brasileira publicou ultimamente. O mesmo sr. Lima Cavalcanti foi o fundador de um partido social-democrata, não ha muitos mezes, e agora está af, cretinizado de encantamento, argente sympathizante do fascismo. O social-democrata de Pernambuco é mesmo um numero de comedia brasileira.

Flavio de carvalho
 Engenharia — arquitetura — arquitetura moderna — decorações — ornamentos e fiscalização de obras
 Rua Pedro Lessa 2 3º andar Fone 4-1697

A internacional nacionalista

(Continua na 2a. pag.)

rece, naturalmente, resistência alguma a compressão pelas necessidades da concorrência. A parte viva, porém, não é compressível. A vontade do capitalista, não estando subordinada mecanicamente às imposições das rivalidades econômicas. E sobretudo esta parte do aparelho produtivo que precisa de ser comprimida pela coação: nas horas de transe desesperado para o regime social dominante, são necessários meios excepcionais para essa operação. Esses meios excepcionais constituem a essência do fascismo.

Fóra do poder, para arrastar atrás de si as camadas internacionais da população, de condições econômicas profundamente instáveis, ele precisa apelar para o passado "glorioso" da nação e acenar com projetos grandiosos para o futuro, missões predestinadas a cumprir no exterior, etc. Tudo isso tem por objetivo reanimar o orgulho nacional abatido pelas crises. A prática do poder, porém, logo o obriga a despir-se desses ouropéus. Depois de alguns anos de governo, Mussolini viu-se forçado logo a baixar a cauda e contentar-se com um logarinho discreto entre as grandes potências. A Hitler não foi dado nem ao menos um prazinho mais razoável para ir aos poucos abaixando a voz, e adaptando-se às conveniências "burguesas" da linguagem diplomática da praxe. No dia mesmo em que sobe ao poder, é forçado a mudar de tom, e em vez

de uma máfia força do que a do seu modelo italiano. Isto se explica pela própria situação da Alemanha; país que sofre uma formidável derrota militar, o que tem sido ininterruptamente, por toda sorte de convulsões sociais e de crises. Dalí o miserável e utópico programa nazista de fazer voltar as formidáveis forças produtoras alemãs para dentro de si mesmas, como caramujo. Do ponto de vista do estado atual do desenvolvimento econômico, a autarquia é um mesquinho ideal de falidos. Guilherme II via a grandeza futura da Alemanha na conquista dos mares e de um vasto império colonial. O pequeno-burguês Hitler, no cúmulo da audácia e da ambição política, não vê perspectiva maior para o Reich do que a Anschluss, isto é, a agrogação da miserável terra austríaca. É isso que Trotsky com razão chamou de "psicologia de cão batido".

O internacionalismo fascista nem mesmo entre os dois "irmãos" consegue realizar-se. Mussolini não vê com bons olhos a pretensão nazista de integrar a Áustria na Alemanha da cruz teimada, assim como Hitler gosta de desbaratar a expansão italiana para os mercados do sul europeu. Por detrás dos repolhos das chancelarias, cada um por seu lado, às escondidas, trata com o inimigo comum, até com a França "democrática" e odiada para contrariar as pretensões do outro. Mussolini aclama Hitler, mas, que este se conserve dentro dos seus limites presentes. E aí a que se reduz a cooperação leal dos dois governos fascistas na arena política exterior. São dois rivais ambiciosos, do mesmo modo que qualquer outro Estado regido pelo parlamentarismo e pela democracia.

Numa coisa porém, o fascismo pode realmente internacionalizar-se. É, aliás, nesse sentido, que essa "internacional" reacionária está se formando: na organização internacional da luta de classes, na defesa internacional dos interesses ameaçados do capitalismo cosmopolita.

Forçado a capitular em todos os terrenos em frente às potências "democráticas" mais poderosas, o fascismo não resta outro caminho do que servir de instrumento "internacional" do imperialismo contra o único Estado que, certo ou errado, não é parte integrante do regime econômico vigente — o Estado Soviético. Com o monopólio do comércio exterior, esse Estado fechou as suas portas à expansão comercial das grandes nações industriais. É a sexta parte do mundo que se isola, retirando-se do mercado mundial capitalista. Bem ou mal, esse é que é o facto cujo mérito não queremos discutir aqui.

Nessa hora angustiosa para o regime econômico atual, de fome tremenda de mercados, de super-produção generalizada, o monopólio do comércio exterior na U. R. S. S. e a planificação econômica barram a expansão industrial capitalista, o imenso território russo, tornando-se em um fator de permanência da crise. Eis aqui a função que pode

Perleria Nova-York

Barão de Itapetininga, 56

Tel. 4-8942

de clarim belicoso do demagogo, então uma ária de tenor pacifista, digna de um pastor socializante à Mac-Donald. E as promessas solenes, e as soluções heróicas para os males da pátria, que consistiam sobretudo na abolição sumária do tratado de Versalhes, na reconquista do corredor polones, na guerra santa contra o inimigo hereditário, etc., tudo fica condicionado às conveniências da política externa, transformando-se a linguagem do ultimato na linguagem das negociações e dos compromissos diplomáticos. Hitler começa a ter "paciência" e a ser "ponderado", como os seus predecessores.

Se o fascismo no interior pode dar uma impressão de força e consistência no exterior a sua a sua segurança se revela de início. No interior, devido à demagogia "socializante" de que tem de lançar mão para arrastar as classes médias empobrecidas e desesperadas pela crise, e à necessidade imperiosa, para sublestar, de destruir todo o sistema parlamentar e os partidos políticos paralisados, ele pode enganar a muito ingenuo, escondendo o seu caráter profundamente retrógrado e burguês. No exterior, porém, frente a fronte com Estados e potências rivais, se mostra tal qual é — igualzinho a todos os demais governos de caráter "burguês" democrático.

Fascistas italianos ou fascistas alemães são fora das fronteiras simples satélites das grandes forças imperialistas, ora girando em torno dos Estados Unidos, ora da Inglaterra, até mesmo da França. A fraqueza exterior do nazismo ainda se reve-

"Uma mentalidade que é um perigo para a civilização"

"A volta ao poder da classe militarista alemã mostrou de uma maneira terrível que as acusações dirigidas contra a casta reacionária não eram uma simples invenção da propaganda e o produto de uma psicologia da guerra.

Os acontecimentos atuais provam que a tese fundamental da guerra — a afirmação que os reacionários alemães têm uma mentalidade que é um perigo para a civilização — deve ser imposta de novo à atenção do mundo. O seu modo de agir condus a uma repetição dos mesmos fatos que levaram a Alemanha a esse terrível isolamento de que tantas dificuldades ela encontra para sair. A idéia que os obscuro é que o terror pode ser um instrumento útil na política.

Quando vemos toda a população judaica da Alemanha submetida a um terrorismo organizado, somos obrigados a nos lembrar que são esses os mesmos homens que inventaram o bombardeio sistemático das populações civis e o torpedeamento dos navios de comércio.

(Do "New York Times", de 2-4-33.)

Frederico Gámbara
ADVOGADO
Praça da Sé 6 — 2.º sob.
Tel. 2-2157

rá ter a "internacional" fascista: a cruzada capitalista contra a União Soviética.

Não é mais segredo para ninguém que a Alemanha nazista ambiciona o celeiro e os mercados ucranianos. O pacto quadruplo tem como objetivo central e o culto a preparação dessa cruzada. As humilhações do Hitler diante dos Estados Unidos e da Inglaterra, a sua "moderação" para uso externo, podem ser compensadas, por essa missão, nada renovadora, nada progressista e nada revolucionária — de ser sagrado cavaleiro andante do capitalismo internacional (judalco) ocidental contra o país da ditadura do proletariado. A menos que, em vez do cavaleiro andante, ele não seja na realidade senão o seu escudouro, poltrão e prosalco.

R. M.

A Cooperativa
MOVEIS E TAPEÇARIAS
Rua José Paulino, 50-A
Tel. 4-0918

Pensamentos sobre o fascismo

As sociedades modernas oferecem a particularidade de serem duma grande doçura quando seu princípio não está em perigo, e de serem implodidos, se se inspirarem dúvidas sobre as condições de sua duração.

A sociedade que teve medo é como o homem que teve medo: ela não possui mais todo o seu valor moral.

E, eis precisamente onde chegámos; a hierarquia da humanidade não se baseia mais a não ser, sobre o medo. Isto significa que ela já não é firme.

JEAN GUÉHENON — "Caliban parle" - Cap. III

A sra. Azevedo Lima e a Constituinte

Lá por 1820, um grupo de meninos prodígio publicou no Rio um jornalão que foi o escândalo da gente grande, principalmente dos burguezes cuja maior função na vida é boquarbrise e lançar protestos diante de qualquer singularidade.

Esse panfleto redigido por garotos de dez e doze annos, um dos quais é hoje uma esplendida promessa de admirável caricaturista e ilustrador, usava de uma linguagem tão violenta que unicamente se podia comparar aos mais descabelados artigos de Mário Rodrigues. E não deixava passar um fato de importância, seja no Brasil ou fóra dele, sem emitir a sua opinião, invariavelmente apaixonada.

Aconteceu que, pela mesma época, se desse uma crise na direção de um importante estabelecimento de ensino federal. Os "enfants terribles" entenderam de se interessar pelo assunto e deram de prestigiar um dos candidatos ao cargo de diretor da Escola. Proseguindo na sua orientação, ao mesmo tempo em que punham nas nuvens o cidadão que lhes merecera as boas graças, diziam os maiores horrores do principal concorrente do seu "protegido".

Seja pelo fato do candidato em questão ter competência para exercer o cargo, ou por qualquer outro motivo, o caso é que o homem foi es-

colhido para dirgitor do tal instituto. Que festa no jornalinho! E com toda a seriedade, estampou ele no primeiro numero vindo a luz após o auspicioso acontecimento, uma nota em que se congratulava com o governo pela sua acertada escolha e terminava desta maneira adorável:

"Não foi, provavelmente, a nossa campanha que levou as autoridades federais a escolherem o sr. Fulano para diretor da Escola, mas nem por isso deixamos de nos rejubilar com essa feliz decisão do governo"

Vem-nos esse caso à lembrança ao ler o desmentido que a sra. Georgina Azevedo Lima lançou às notícias espalhadas por qualquer jornal do Rio e segundo as quais a illustre candidata à Constituinte pretendia renunciar à sua cadeira, caso fosse eleita.

Nós, por estas colunas, comentamos, com extranhetez, a suposta atitude da queia senhora e agora, ao saber do desmentido, temos vontade de dizer como os redatores do importante periódico de palmo e meio: "Não foi, provavelmente, o nosso comentário que levou a sra. Azevedo Lima a repelir aquelas insinuações, mas nem por isso ficamos menos contentes com o seu ultimo gesto".

A. AMARAL JUNIOR.

CINEMA

Este filme é como outro qualquer mas, em seu genero, sem precedentes, como se tornou um sucesso, desde que os produtores consideraram com uma reclamação a apresentação como "assombroso" e de realização, e como "bluff" também foram cumpridos intelectuais e jornalistas (alguns consentidamente, outros inconscientemente...) vamos falar dele.

Técnicamente nenhuma novidade trouxe "King Kong" que superasse os "trucs" e "recursos" de montagem e fotografia cinematográfica vistos nos filmes-sensação destes ultimos dois annos. Todo o sensacional, todo o inédito, todo o "assombroso" da película está no gigantesco mono, King Kong, que é a unica razão de ser presente neste filme. Como invenção, qualquer Mickey é muito mais legitimo e interessante (e artistico) do que "King-Kong".

Como maravilha, alguns filmes científico-fantásticos alemães foram imensamente mais surpreendentes e louváveis. O improbo esforço de reconstruir alguns monstros prehistoricos, visíveis de passagem, para se ver a "armação", absorveu todo o trabalho dos realizadores.

Quando muito, um regular filme fantástico para crianças.

No que concerne à fabulação, é mediocre; mesmo não se podia tirar grande coisa de Edward Wallace, escritor comum de novelas policiaes e de aventuras, num genero em que foram verdadeiramente imaginosos, originaes e fortes Edgar Poe, Conan Doyle, Wells, e mesmo o astrônomo Flammarion nas fecundas imaginações do mundo prehistorico "antes da criação do homem".

Convimos que o filme representa um esforço, deve ter custado muito dinheiro, e os produtores naturalmente estão empenhados em conseguir desta mercadoria-reclame o maior lucro possível. Mas isto não justificaria que se fizesse passar impune um "bluff" em detrimento da economia do publico, que pagou caro para ver mercadoria barata.

Como não justificaria, tambem, que se deixasse passar impunemente a cumplicidade dos intelectuais e jornalistas que, concios ou inconcios disseram em reclames de 1 a pagina coisas tão decisivas solenes e sérias, assim tão levemente, e com tão pouco proposito...

RICHARD OSWALD — "DREYFUS"

Filme alemão, com Fritz Kortner na figura central. E sabido que desta película foi produzida edição falada em francês e não se compreende porque foi exhibida aqui a edição falada em alemão; muito mais proprio para nosso publico teria sido ouvir Zola, Jaurés e Clemenceau falar francez.

A reconstituição cinematográfica do famoso caso Dreyfus prestava-se para um bom director-geral realizar um ótimo filme. Desde, porém, que ele tivesse posto em foco, no cenário, o conflito de idéas que na verdade enredou toda a questão Dreyfus, que suscitou verdadeira agitação de opinião pública, envolvendo nos seus factos, de um lado as castas clerical-nacionalistas empenhadas na condenação do oficial semita (mais do judeu do que oficial) e de outro lado as correntes liberais e de vanguarda do jornalismo, das letras e da politica.

Por conseguinte, o elemento basico e dominante no desenvolvimento do cenário, devia ser o fundo ideológico que transformara o "affaire" Dreyfus, de causa puramente judicialia, em causa ostensivamente ideologica em que se embateram as conveniências reacionarias e chauvinistas num recrudescimento do anti-semitismo, e a opinião conciente despertada pelos vultos da mentalidade avançada daquela geração, como Zola, Clemenceau, Jaurés, Bernard Lazare e outros.

O director-geral de "Dreyfus" não fez isso; limitou-se a montar uma trama folhetinesca-sentimental que podia extrair do "processo", e nisso ficou através todas as sequencias deste filme, que se desenrola lerdamente, até cançar, em cenas pobres de compação, não se afastando um passo da técnica de teatro, e de teatro velho; mesmo que o "falado" haja que se atar a certos processos de teatro, é incoastavel tambem que a cinematografia possui recursos to vastos que permita transpor facilmente a rigidez da quadratura cenica. Tambem podia o director-geral ter feito alguma cena de massa que certamente teria inoculado certo vigor e entusiasmo neste filme, por exemplo em logar da misera cena do sermão que Zola prega a meia dúzia de estudantes armaceiros à entrada de um café boulevardier, a viver a patria e a dor "morrás" aos "traidores"; esta cena, feita com outro criterio, podia ter sido eficaz e expressiva. A agitação dos meios jornalisticos, os debates nos tribunals, isso tudo constitua material de primeira ordem para a realização de sequencias capitais que teriam galvanizado o cenário do filme, revivendo de fato as comocões coletivas que culminaram com a revisão do processo e a absolvição de Dreyfus.

Naturalmente, para isso era preciso o director penetrar na análise ideologica da "campanha" Dreyfus e reconstruir na película, com personagens tão "fortes" e "perigosos" como Zola, Clemenceau e Jaurés, um episodio e uma fase politica de exorbitante significação para a feroz mentalidade religio-politico-nacionalista do hberismo.

ALFREU PARANA

A SALVAÇÃO DO MUNDO

Ernest Prévost, um dos mais finos poetas da França contemporânea, galardoado com o "Grand Prix" da Academia, impressionado com a castrófica situação económica em que se debatem as grandes e as pequenas potências, acaba de lançar, após genial meditação e varios conciliabulos com as Musas, um poderoso eureka, para a salvação do mundo.

"Lux adventat" e a humanidade pôde desde já antegozar as delicias paradisíacas de uma felicidade jamais conhecida. Qual plano do desarmamento, abolição das tarifas alfandegarias, destruição das máquinas, queima da superprodução do café, do trigo e outros produtos — qual nada! Tudo isso só serve para complicar mais a questão e tornar mais negra a situação.

O problema é simples e simples deve ser a sua solução. O genero humano se desespera, se debate, procura, mexe e vira, e, estupidamente, vai-se afogando num cópo d'agua. E isso porque o materialismo mais sordido embotou-lhe a intelligencia e a sensibilidade, anulando-lhe completamente o "senso comum".

O materialismo é a desgraça da humanidade, a "causa mater" da sua imbecillidade, o reposteiro lugubre que lhe oculta do outro lado a "delicia da vida, a delicia da vida".

E o problema apresenta uma solução tão facil que não sabemos como é que ainda não foi resolvido. Mas, graças a deus, já temos aí Ernest

Agencia Hamburgo
PASSAGENS
Largo de Santa Efigenia, 12
Tel. 2-5413

Madame Jeny
ATELIER DE MODAS
Rua Barão de Itapetininga, 71-A
Tel. 4-4537

COMO O "DUCE" INTEGRALISTA VIU A ITALIA FASCISTA

(Continuação da 1a. pag.)

gunda categoria não fascinou o "condottiere" piratiniano.

De fato, ele não descreve nada. Em seu folheto não se encontra nenhuma citação a respeito da D. V. R. A., das corporações sindicais e de todas as outras organizações que constituem os nervos e o sangue do fascismo. Não se encontra um nome sequer, uma unica cifra, uma só data: Sobre que forças se baseia o fascismo? Que quer? Que construiu? Ora! Perguntai-o a outrem porque Plinio não vo-lo diz.

Talvez por não o saber...
Todo o seu parto laborioso reduz-se a estas sensacionais descobertas:

1o) — O bolchevismo e a democracia caminham de mãos dadas para a mesma finalidade: a anulação do individuo, e, por consequencia, a morte da liberdade;

2o) — A democracia e o liberalismo crearam o estado anti-espiritual (?) e anti-intelectual (?).

3o) — Roma fascista, tão caluniada pelos demagogos ebrios de cocaina libertaria, constitue atualmente a suprema garantia da liberdade.

Depois destas bellissimas descobertas, Plinio conclui:

"Foi assim que eu compreendi, foi assim que eu vi a Italia".

Compreende-se! Na verdade, o pobretão não viu coisa alguma ou quer rir-se às costas do leitor.

Deixemos as elocubrações sobre o liberalismo e o resto: mas o fascismo como garantia suprema da liberdade... é demansi!

O proprio Mussolini desmente o seu rebento sul-americano. Por varias vezes ele declarou em voz bem alta, para que todos o ouvissem, que o "fascismo passou sobre o cadaver da liberdade".

O fascismo como garantia da liberdade, quando o Tribunal Especial, o domicilio forçado, e as "expedições punitivas" estão em pleno funcionamento contra aqueles que não pensam como o cidadão que Paul Bon-

cour chamou, ha alguns annos, de "le César de carnaval?"

O fascismo como garantia da liberdade quando na Italia existe um unico partido, uma imprensa de uma só côr e possibilidades de viver regularmente só para os socios da panela littoria?

O fascismo como garantia da liberdade quando o operario — preso nos sindicatos policiaes — deve suportar sem um protesto sequer os períodos de baixa de salario; quando escritores, filosofos, artistas — Benedetto Croce, Guglielmo Ferrero, Vito Volterra, Roberto Bracco, Arturo Toscanini, tiveram a boca fechada ou foram obrigados a partir para o exilio?

O fascismo como garantia da liberdade quando é prohibido, ás minorias nacionais da Istria e do Tirol o ensino da lingua materna com metodos de cangaceiros terroristas?

Que entende por liberdade o sr. Plinio Salgado? Explique-se melhor, por favor!

...

O "duce" integralista está convencido de ter feito uma grande viagem e deve ter dito lá com os seus botões: "Veni, vidi, vici".

Sim, porque no seu folheto a segurança da vitoria futura está expressa muitas vezes e da forma mais ingenua.

Sabe-se geralmente que Simon Bolívar — el Libertador — do alto le um dos morros de Roma prestou juramento solenne ao sentido de dedicar a sua vida á redenção da America Latina.

Pois bem! Plinio Salgado, do alto do Janiculo sentiu arder nas veias a chama generosa que impelliu Bolívar no caminho da gloria e da liberdade e deve ter preatado (em voz de surdina) o mesmo juramento. E por diversas vezes o seu folhetozinho cita o nome do "Libertador", naturalmente com o fito de fazer-se admirar em sua companhia.

Ouçamo-lo:

"Do alto do Janiculo — sob a arvore simbolica de Torquato Tasso, num logar como aquele onde Simon Bolívar estendeu o braço num juramento pela liberdade da America, eu pude entender toda a lição que Roma oferece ao mundo e, principalmente, aos povos jovens, como o povo brasileiro. Daquella lugar sagrado, Roma se extendia aos meus pés: e ella era a totalisação das expressões do Homem, a filosofia de pedra, que atravessou os seculos para se cristallisar, na Era da Maquina, numa concepção de Estado Integral".

Ainda: "Naquella manhã de sol, com o pensamento cheio da minha patria distante, eu vinha compreender o segredo da transfiguração de Bolívar, no instante em que ele ponde condicionar toda a cultura do seculo dezoito, que tumultuava no seu espirito, num senso superior de politica e de orientação na marcha que a America do Sul, logo depois iniciaria, com forte conciencia de nacionalidade! Sim, aquele fóra o lugar do milagre".

"Foi através desse sentimento de homem livre que eu compreendi o espirito de Roma, como Simon Bolívar um dia o compreendeu, quando do alto do Monte Mario, diante do panorama da Cidade Eterna, jurou dedicar toda a sua vida á independencia dos povos americanos".

...

Emfim, Plinio Salgado só viu uma coisa na Italia: a resurreição de Simon Bolívar sob a roupagem da sua propria pessoa.

Ditoso Brazil que tal fito tem!

(Que pena ter perdido tanto tempo o "Libertador" quando, de volta da Italia, no lugar de organizar as "bandeiras" para a libertação da terra do Santa Cruz entregou-se de corpo e alma á compilação do Programa da Legião Revolucionaria que tanto azar trouxe ao general Miguel Costa!)

M. A. Jr.

LITERATURA

O poeta que morreu há dois anos

J. A. Ferreira Prestes morreu há dois anos. Foi num destes dias de fim de maio, que o jovem poeta desconhecido fechou os olhos para o sono mais longo que podia dormir, para resolver o seu conflito individual. Personalidade que não se enquadrava na normalidade do recálculo cotidiano, nem podia se sobrepôr às forças que lhe eram contrárias. Mais um conflito da mocidade, no caminho errado, guiada pelas mesmas diretrizes de há trinta anos, quando não havia nenhum problema sexual ou intelectual que modificasse a atitude de cidadão vulgar, talhado pelas dez mandamentos da lei de Deus, pelo catecismo e pelo respeito à ignorância bacharelística, num Brasil de camaradagem caspita e acomodaticia. Brasil que acreditava na Águia de Haya e em outros tabús. E bobagens.

J. A. Ferreira Prestes denunciava o embrião de uma personalidade das mais interessantes de sua geração. Cronista de música do vespertino "Diário de Noite", ele fazia um nome fora da vulgaridade chôcha do nosso provincianismo literário e artístico. O poeta escondido dentro da casa do cronista, era de um lirismo irrequieto e profundo. Quando morreu

começava a se preocupar com o problema contemporâneo da finalidade da arte. O 2º manifesto do surrealismo, de 1930, esclarecia a adesão ao materialismo histórico. Ferreira Prestes, que era a noosa figura mais representativa, dentro da escola, com Aníbal Machado, morreu sem saber. Entretanto, tateava no caminho. Mas a estreiteza do ambiente carioca não deixava germinar nada até quando um dia a morte veio.

Ferreira Prestes pouco publicou. Seus amigos devem guardar as poesias dele. Eu, que me aproximei muito pouco, tendo uma guardada entre os papéis velhos. O HOMEM LIVRE vai publicá-la aqui. É o "O Sono das palavras".

Por ela se ha de constatar o poeta admirável, na sua sensibilidade fina, na inteligente associação de elementos líricos, com uma compreensão literária e tonalizada de melancolia.

No mez que recorda a interrupção de sua vida, porque ele continua tendo a minha admiração e o sentimento da minha admiração, quereria deixar aqui a homenagem que merece, como o poeta não superado pelos moços da sua geração que fazem versos. — G. F.

O Somno das palavras

I

E eu ria em teus olhos
a sombra dos meus sonhos
e o enigma da minha vida

Foram as palavras que dormiam na minha bocca
se acordaram percebendo que não vinhas

II

Trago para você
as minhas mãos brancas
aminha melancolia
a minha renuncia
Trago phrases macias e redondas
para acariciarem os teus braços
Trago a fala das rosas
Trago a lembrança de dores que dormiram

III

Nu sei
que não ha passaros na nossa memoria
e que os jacynthos nunca disseram
qual era a côr dos teus olhos

Os nossos espiritos verificaram
que ainda não tinham sabido
qual seria o fim daquellas noites

E o teu riso
era a tristeza que eu esquecera de ver
no fundo da tua alma

IV

Não haverá mais supplicios escondidos,
por traz das arvores
Encontraremos os nossos caminhos

V

Quando eu mais penso em você
é quando mais eu penso em mim

Não sei porque os nossos risos se encontraram
justamente quando num absoluto repouso
elles dormiam
O meu somno era profundo
como o canto das pedras
O meu braço não alcançava
nenho os phantasmas que corriam perplexos
no eco da tua memoria
O azul era insupportavel
Viestes correndo correndo
para veres si conseguias descobrir
o perfume que se evolava daquellas regiões
onde não tinham sido sacrificadas as penas de ninguém

Os gafanhotos choravam
Os sapos choravam
Os grilos choravam
Os homens choravam
Porém todos eram tão praticos
Apenas nós ainda acreditavamos
na immortalidade da dôr e da alegria
Da alegria que comiamos
Aqueles que não queriam sentir
a intensidade emotiva do momento
passavam as mãos nos ouvidos
e vivavam os rostos para não chorar

J. A. FERREIRA PRESTES
S. Paulo, 1929.

HITLER desencadeado, na Alemanha, como todos sabem, uma tremenda campanha de exaltação racial, para a elevação do "povo eleito" o povo germanico, unico povo puramente ariano, superior, que caminha sobre a face a terra.

Todo o não-germanico, todo o não-ariano é, segundo a doutrina do "Führer" relegado para a categoria de povo inferior.

Ora, os latinos — como todos sabem — constituem uma raça não puramente ariana e, pelo contrario, até muito diversa da germanica à qual pertence o loiro-bigodado individuo semi-divino Adolf Hitler.

Os latinos são portanto de raça inferior, segundo os canones raciais hitlerianos; e como todo o puro ariano não pôde tolerar o contacto e deve rejeitar todo o conceito filosofico-politico-moral que emana de um individuo de raça inferior — veja-se a perseguição anti-semita no Reich — assim todo o nazista que se respeite não deveria tolerar um só minuto a vizinhança de um italiano... Isto é o que se chama logica.

Mas então como se explica que o hitlerismo germanico, puro ario vae a Roma tomar lições do "inferior" Duce em materia de legislação fascista sobre o trabalho e como é que os fascistas italianos de Dusseldorf encabeçaram as recentes manifestações hitleristas levadas a effeito ultimamente naquela cidade?

Como é que um ariano, e de estirpe real por contrapasso como o nazista príncipe de Hesse, casou com uma princesa de raça inferior como a rrincesa Maria, filha do rei de raça inferior como o rei Vitor Manuel?

MUSICA

Uma descoberta

Uma revolução escondida e não uma "blague" de professor de aldeia. A pianista Luci. Pianista que não serve para burguez besta que escuta estas muitas pianistas-canindês que tanto nos aconterem. Toca piano mais com os olhos do que com as proprias mãos. Na chopiniana é uma raridade de subtiliza e de divinização, e não exagero nisso, não. Acostumada no desprezo dos desasocôgos do servilismo aos mestres me-falou numa entrevista sobre a vantagem da pianista que toma banho das demais que usam vestido com decote de saenda de casa de "nouveau-riche" sirio mas que a gente está vendo que o peçoço precisa de caso de telha. Com que "façon" ela me falou das suas vigílias leis perante a pianística. Era um "manoir". Com que probidão ela fazia aquelas escalas, primeiro devagar, depois menos, depois um pouco depressa, depois ligeiro, depois apressado de todo. Um plurilateralidade invejável. Deveria escrever estas linhas no jornal diário em que trabalho. Mas porquê? Os trezentos e vinte e cinco mil burguezes me chamariam á conversa e acabaria a questão em nome-feio. Como se tratava de homens com que terei de privar uma existencia inteira, diria "progentora" ao ser aquerido e ao responder os nomes-fieis me compreendem perfeitamente que é muito difficil para mim estar pensando como estes tamandúas miquimbis do ensino, abraçadores de professores não especializados e feiteiros de aulas de pagodeiras teóricas.

Nunca eles chegaram a um accordo comigo. Eles são demasiadamente pregados para se unir ao meu esotismo estético. Para mim resolveo todo o interrogatorio na risada. Ou então xingo-os de génio. Aproximação forçada, como se vê. Por isso é que não compreendo uma necessidade de publicar descobertas numa jornal diário.

A artista em questão é de estatura media, magra, gosta de alface, tem olhos verdes, mãos bem ginastizadas, coração até amanhã, vontade de não ser reacionaria, não fuma Yolanda e é boa artista.

Fernando Mendes de Almeida.

Malharia Loslowski

Rua José Paulino, 80
Tel. 3-4163



MOVEIS
DE
CONSTRUÇÃO
TÃO
RESISTENTE
E BELLA
COMO A DOS
ARRANHA-CÉOS



DE UMA LINHA IMPECCAVEL, OS NOSSOS ELEGANTES MOVEIS, OFFERECEM O MAXIMO DE CONFORTO AOS SEUS POSSUIDORES.

S/A Casa Pratt



TELEPHONES: 2-4185 - 6 e 7.

PRAÇA DA SÉ Ns. 16-18 — SÃO PAULO

O retrocesso da Alemanha a idade media

Como o Prof. Siveira Bueno respondeu ao repto dos Fascistas Alemãs de S. Paulo

Reptado pelos fascistas de S. Paulo a provar as afirmações contidas num artigo que publicára, o prof. Siveira Bueno assim respondeu pela imprensa:

"A 'Federação das Associações Alemãs' em seu repto infantil e tão cheio de contradições, disse que eu não seria capaz de provar a auencia do governo aos maus tratos sofridos pelos israelitas na Alemanha. Ora isto é tão facil, tenho tanta copia de documentos que não só provarei a auencia do governo a tais atos de selvageria, mas demonstrarei que ele é o unico responsavel perante o tribunal do mundo. O governo actual é um governo de partido; são os nazistas que governam; todo o programma de Hitler está sendo posto em pratica depois de dez anos de prégação e preparo. Logo, tudo o que deve ser programado, e sob a responsabilidade do governo que o encarna, que o simboliza, que o representa com a fina flor dos seus assclas, Hitler, o seu chefe supremo, o seu supremo mentor, o novo Messias, enviado de Voté, é o responsavel maximo por todo o sangue já derramado, por todas as injurias sofridas, pelas vergonhas de que se vê coberta a Alemanha tão culta, chamada como ré perante o tribunal das nações civilizadas. Para confirmar tão facil raciocinio, vou citar alguma coisa muito significativa para quem for inteligente e quiser entender as cousas sem a cegueira do partidarismo.

"The Saturday Evening Post" de maio, 6, de 1933 publicou a seguinte passagem de um discurso de Hitler: "O que ha de ser se formos desumanos? Se salvarmos a Alemanha, teremos executado o maior feito do mundo. O que ha de ser se formos justos? Se salvarmos a Alemanha teremos feito o maior justiça do mundo. O que ha de ser se ofendermos as leis da moral? Se salvarmos o nosso povo, teremos aberto um caminho para uma nova moralidade".

Neste pequeno trecho se contém a base de todas as deshumanidades, de todas as injustiças, de todas as faltas contra a moral que o partido dominante da Alemanha, que o seu governo actual venham a cometer. Foi o seu chefe que assim declarou publicamente, nesse famoso discurso acima citado. Vê-se por aqui como tudo estava previsto pelo solerte austriaco, de cujo governo querem os alemães ingenuos de S. Paulo eximir toda e qualquer responsabilidade, toda e qualquer auencia.

Foi o partido nazista, actualmente no poder, que organizou todo o movimento de boicote aos judeus, movimento do qual decorreram esses atos já profligados por todo o universo, oficialmente em varios paizes e particularmente até na Tunisia, na Africa. Foi Hitler quem deu conta oficial á reunião de ministros dos preparativos feitos pelos Camisas Pardas. Foi o dr. Goebbels, ministro da Defesa do Reich, quem deu o sinal de comando em um artigo publicado no jornal "Der Angriff", na vespéra do movimento. Esse artigo trazia o titulo bem claro: "Nós estamos preparados!" Foi o deputado nazista Streicher quem comandou o boicote aos judeus. Foi ainda o ministro Goebbels quem respondeu, em nome do governo, aos discursos que os hitleristas fizeram em frente ao antigo palacio real, depois de terminados os atos de selvageria contra os estabelecimentos israelitas Goebbels, discursando, disse do contentamento dos seus pelo bem executado movimento de boicotagem.

Vou transcrever o que disse "Le Journal", de Paris, 30 de março de 1933, reproduzindo as palavras de Hitler:

"Berlin, 29 mars — Hitler, qui est rentré ce matin à Berlin, venant de Munich, a présidé aujourd'hui un conseil des Ministres. Il a expliqué longuement au sujet des boycottages économiques dont les Juifs allemands

seront l'objet à dater de samedi prochain... Le chancelier a prétendu, à cette occasion, que le parti national-socialiste avait assumé l'organisation du boycottage des Juifs."

Foi nesses dias que sevicieram, prenderam, mataram israelitas negociantes e doutores. Data desses dias a nova inquisição, muito peor que a de Hespanha ou Portugal, contra os hebreus, prendendo e espancando principalmente os intelectuais, médicos, advogados, escritores, sabios e tudo isto feito pelos nazistas, por aqueles que governam a Alemanha. Houve ou não houve responsabilidade, directa intervenção dos maiores homens do governo tais como Hitler, Goebbels, Goering e outros?

Todos são unânimes em atribuir ao governo e ao partido dos nazistas o que dá na mesma, os feitos infamantes destes ultimos tempos. Vamos citar alguns gradores e algumas revistas europeias e americanas. James Gerard, antigo embaixador dos Estados Unidos em Berlin, fez um discurso que foi irradiado, onde disse o seguinte: "Como podemos acreditar que na Alemanha começou o período aureo se somos todos os dias as testemunhas de atos sangrentos, de odios e de perseguições os mais incriveis, como na Idade Média obscura e sanguinolenta que parece festejar a sua resurreição?" (Telegrama da Havas, de 20-4-1933, publicado no "Argentinisches Wochenblatt").

Na "Illustration" temos esta passagem: "L'antisemitismo est à la base de la mystique politique sur laquelle Hitler prétend reconstruire l'Allemagne nouvelle. Les nazis, dans le lendemain du 5 mars se portèrent à des excès de toutes sortes contre leurs ennemis et les Juifs se trouverent doublement visés en raison de la haine particulière excitée contre eux. Des agressions individuelles se produisirent, quelques-unes d'une barbarie révoltante, digne des pogroms russes".

O chefe de policia nada fez para impedir tais abusos e o governo não deu um passo para impedir tais excessos. Quem é que o declara? É o grande publicista Sidney B. Fay, num memoravel artigo publicado pela "Current History" de maio, isto é, destes dias: "It is true that in the first days after election Nazi browt

BAR E CAFE'

COMIDAS QUENTES
E FRIOS

Rua José Paulino, 159

ESTER PEREZ

Parteira Diplomada

RUA CAÍO PRADO, 57
Tel. 4-7110

OUTRAS TEMPOS, OUTROS COSTUMES



— Naquelle tempo, elle era um bom allemão. (Le Pire, Paris)

O retrocesso da Alemanha a idade media

(Continuação da 3a. pag.)

shirts picketed Jewish stores and in some cases broke windows and caused the stores to close, while the government and police took no steps to prevent such injustice".

Não é possível ser mais claro nem mais simples ainda que não seja de muita agudeza a intelligencia da "Federação das Associações Alemãs" desta capital. A culpa não será minha, mas ainda uma vez, da Alemanha. Eu poderia com a maior facilidade do mundo continuar a citar testemunhos estrangeiros e dos mais variados para provar a responsabilidade do governo racista e, muito mais ainda, do partido racista em todos esses horrores da moderna iniquação germanica.

They (the Jews) are prisoners, condemned to the slow torture of spiritual, mental and physical annihilation". (Os judeus estão prisioneiros, condenados a uma lenta tortura espirital, moral e a uma physica aniquilação). E continua "The Nation" a dizer que tudo isto tem sido oficialmente negado pela imprensa alemã e até pelas victimas que assim o fazem obrigadas pelo guante germanico e termina com esta interrogação muito significativa: "What basis is there for the Nazis subtle distinction between the type of atrocities they deny and the policy which they openly flaunt?"

Da Tcheco-Slovaquia chegam as mesmas opiniões e peço mais um pouco de paciencia aos leitores para citar ainda este facto, não porque já não tenham se convencido da verdade, mas por causa da cabeça dura do alemão racista: "Personal interviews with refugees from Germany reveal unbelievable widespread brutalities continuing at present moment despite denials".

mãs" desta capital, que na Alemanha se perseguiram, espancaram, mataram judeus sob a responsabilidade das doutrinas prégadas por Hitler, sob a execução imediata dos hitleristas, com os aplausos de Goebbels, de Goering, de Streicher, do governo emfim, que não deu um passo para evitar tais injustiças, segundo declarou Sidney B. Fay, professor de Historia na Universidade de Harvard. Vou terminar, citando ainda as palavras candentes da revista "The Nation" de 12 de abril de 1933: "Out of their own mouths and by their own acts the Nazis may be judged. They incarnate the tpransy without parallel in our times. The entire German people are the victims — including the thousands of youths who, having known great hardships, have been the most easily misled".

MOSLEY E SEU GRUPINHO

Tambem na Inglaterra os camisas pretas andam tentando organizar-se em grande escala. Seus esforços nesse sentido, é bom que se diga, não surtiram o efeito desejado.

Para dar uma amostra de como são considerados estes novos "salvadores", transcrevemos, abaixo, um tópico de um artigo publicado em Abril p. p. na revista londrina "The Economist" (29 de Abril de 1933).

"Enquanto o publico de nosso país observa com espanto o desaparecimento de outra democracia europeia e o advento de uma forma particularmente odiosa de neo-prussianismo, não é, talvez, completamente inutil o saber-se se o fascismo terá ou não um futuro na Inglaterra. Por medida de conveniencia, seria bom dar uma definição do que nós julgamos por Fascismo que é uma forma de politica desconhecida de Aristoteles. O fascismo deveria talvez, ser definido como uma "stajioracia", pois parece ser uma especie de contrarrevolução nacionalista, dirigida contra um imaginario perigo, revolucionario marxismo, comunismo, socialismo, ou liberalismo promovido por um partido gerado demogologicamente e liderado por um ditador, que representa ou não a maioria dos cidadãos, mas que vence pela violencia arrojando seus adversarios e abolindo por métodos anti-constitucionais as liberdades civis e individuais e a instituição do do Governo Parlamentar.

Neste sentido, parece ainda muito pequeno o perigo, na Inglaterra, de um desastro de tal natureza. Isso porque os Ingleses, a qualquer cor partidaria pertencam tiveram por mais de dois seculos um liberalismo crônico e a unica aproximação do Fascismo que experimentaram — o protorado de Oliver Cromwell — não levantou grande entusiasmo. Na

O PROBLEMA DA

Cultura Popular

NO BRASIL

1. E' antes de tudo dirétamente subordinado ao problema da escola. A' esmagadora maioria do nosso povo o proprio alfabeto é inacessivel! Os nossos governos nunca se incomodaram muito com isso; para se desculparem, alegavam, naturalmente, razões economicas. A verba não dava. Dava, porém, para outras coisas...

2. Mas, fóra disso, ha um público brasileiro que, tendo frequentado as escolas, sabe ler e pôde ler. E' claro que, em toda a parte, nem todos os que sabem ler querem ler, como nem todos os que querem ler podem ler. E' justamente tomando em consideração esta ultima categoria — a dos que, querendo ler não o podem, por motivos economicos ou mesmo ideologicos, no sentido de que não dispõem, ao alcance da propria mentalidade, de uma cultura apta a satisfazer-los no pelo menos a convidá-los — que escrevemos estas notas para fornecer pelo menos um contributo á solução deste problema.

3. O problema é, tambem, se não em primeiro lugar, economico e politico. E' claro que uma cultura popular, na sua expressão materializada, não deve acarretar consigo sacrificios economicos de nenhuma especie aos seus consumidores. O trabalhador — seja ele operario, empregado no comercio ou mesmo intelectual — tem o seu tempo contado e tem as suas verbas muito limitadas.

De outro lado, se estudarmos qual é a forma de divulgação cultural mais barata, devemos-nos convencer de que esta é justamente o livro. A possibilidade de acção de um livro lançado no mercado a preço minimo, é illimitada; assim não acontece, por exemplo, com as sociedades e os centros de cultura, mesmo quando possuem bibliotecas á disposição dos associados.

4. Políticamente, a ideologia que consubstancia a expressão das massas, não pôde no momento presente, ser sinão uma ideologia progressista, isto é, anti-fascista. Uma ideologia que reflete os autenticos interesses do povo, há de ser, consequentemente, emancipadora e democratica. A tática empregada pelo fascismo para dominar incontrafactivamente consiste, única e puramente, na supressão de toda e qualquer acção independente das camadas inferiores do povo, com é o caso dos sindicatos livres e dos partidos operarios, e de todos os movimentos mais ou menos permeados de espirito livre, que per-

maneceriam fóra do seu controle diréto, (por ex.: Liga dos Direitos do Homem, e mesmo quando fossem de caráter conservador, como a Maçonaria). A este respeito o que aconteceu na Italia, na Alemanha e na Polonia provam sobejamente a justeza de nosso exame.

5. Os grandes nomes da literatura de tendencias libertadoras e emancipadoras, são no Brasil, pelo publico a que nos estamos referindo, quasi que desconhecidos. Como tambem o são os proprios escritores brasileiros que entre nós representam a literatura de caráter social. O exemplo de Euclides da Cunha basta para prová-lo. As suas obras, tais como elas apparecem nas edições correntes, são inacessíveis, nem tanto pelo preço, como pela absoluta falta de estudos e notas explicativas que as deveriam illustrar. Além disso, o inconfundível e inofismavel caráter social da obra de Euclides da Cunha vem sendo unanime e conscientemente silenciado. Os solenes padroes tronificados das nossas diversas academias não enxergam em Euclides da Cunha sino um simples problema estético, isto é literario, gramatico...

6. Os estrangeiros? Por que razão não divulgamos os sabios, os pensadores é os artistas cujo caráter social e humano contribuiriam para uma verdadeira educação democratica? Não é necessario citar aqui esses nomes. Eles são conhecidos pelos que sabem linguas estrangeiras; mas pela

massa, que é a que nos deve interessar neste momento e sempre, eles o são longinquamente; deles se fala como de realidades distantes, afastadas de nós, que não interessam muito, como se fala, por exemplo, das estrelas; é verdade que de vez em quando assustadores telegramas noticiam-nos a sua morte, e os seus nomes exóticos fazem surpreendentes aparições em grifo nas esplendidas notinhas, assim ditas "sociais" dos nossos diarios.

7. O despertar das classes trabalhadoras no Brasil, a conciencia ainda indeterminada de suas necessidades vitais que conquistam palmo a palmo, apesar dos obstaculos que se lhes opõem, impele-as a saltar as proprias fronteiras e procura de ideologias mais amplas e mais justas, que sejam o reflexo diréto de suas reais condições e que as libertem das enganadoras encrustações que as imobilizaram silenciosas e cegas por tanto correr de tempo. E' aos intelectuais que por enquanto está reservada a tarefa de fecundar e dirigi estas energias. Injétemos-lhes desde já uma finalidade libertadora, um espirito amplamente democratico, uma conciencia viva dos problemas da humanidade. Antes que seja tarde e que o façam os fascistas numa direção reacionaria, façamo-lo nós, com decisão e coragem.

FLAMMARION SERRA

FRENTE NEGRA

"UNIÃO POLITICA E SOCIAL DA RAÇA"

União politica e social da raça" O que pôde pretender uma "união politica e social da raça", como se define a Frente Negra Brasileira, num paiz como o nosso?

Só pôde pretender uma coisa: a autovalorização da raça, em opposição ao valor da outra raça, ou das outras raças existentes e em fusão no amalgama etnico do paiz.

Essa autovalorização só pôde nascer da influencia "politica" (força eleitoral), do desenvolvimento cultural, e da organização mistica de uma nova maçonaria...

Os membros da "Frente Negra Brasileiro" são realmente partidarios dessa organização?

Pôde-se responder que não. Eles são inconscientes, que a direção da "Frente Negra" manobra para todo o lado... E' dahi o perigo do organização dessa "união" clandestina, reacionaria, reparatista, visando estabelecer um problema de raça no paiz novo que não conhece nem perquire ancestralidade de ninguém, de brancos, de amarelos, de mestiços ou bronzeados, mas tão somente quer ir aranjando gente que trabalha e que produz.

O negro ainda continua, moral e intelectualmente como antes de 13 de maio", é um argumento dos propugnadores da união politica e social da raça. E' reviram os olhos de puro gozo ao lambrar do gesto "magnanimo" da Princesa d. Isabel (*).

Fingem ignorar que 45 annos de "liberdade" do homem negro não lhe dão possibilidade de ir além do que tem ido, por impossibilidade material do "tempo" de vida livre. Não querem ver que esses 45 annos de "liberdade" não representam senão um minuto da vida do homem civilizado, e não enxergam que no paiz grande e ppobre, as massas de homens brancos, em sua quasi totalidade no "hinterland", e em grande maioria nas cidades, permanecem bestificados no mesmo "nível" intelectual em que vive o elemento tirado da infima condição de escravo em 88.

O homem negro, que era até 13 ed maio escravo, que tinha um senhor, para quem trabalhava como simples animal de carga, que se viu de uma hora para outra com carta de alforria, e que desde esse momento entrou na competição da luta pela subsistencia, fez muito e se adaptou de uma fórmo extraordinaria a sua nova situação, para estar hoje na altura em que está...

A mudança lhe foi tão brusca e abrupta que muitos continuavam o até continuam onde estavam, outros têm saudades da dependencia e mque viviam, e mul-

tos se acham até agora desorientados. Mas a grande maioria, o homem novo, que não nasceu escravo, esse trabalha e progride, mesmo atravez as dificuldades mais acres, como toda a população pobre do paiz, e vence excepcionalmente, como, tambem, excepcionalmente, os elementos brancos das camadas mais desfavorecidas do povo conseguem romper a barreira dos lugares privilegiados...

Mas o adentamento do homem negro em nada fica a dever, proporcionalmente, ao grau alcançado pelo homem branco, considerando-se que este não foi tirado do estado de escravidão.

Se a direção da Frente Negra fosse antes propulsora do preparo intelectual do homem negro para depois lhe dar uma orientação "social e politica", ainda bem. Mas é que esse "união politica e social" já tem predeterminada a sua acção, pelo apoio aos governos fortes, em opposição aos governos fracos liberaes e democraticos. E' essa acção politica, ou politiqueria, já se estendeu em capacho até os palacios dos governos, e ahi estabelece suas ligações com o integralismo atalibano.

No Congresso de Sociologia, recente e fracassado, o marques da "Velór do maracujá" formava o lado do integralismo nacionalista e reacionario, e junton sua voz de galeste aos vivas a Hitler, concordando no "elogio do chicote" (*) feito pela mesa do congresso.

Não será com essa "união politica e social" que a Frente Negra irá acabar com o "preconceito da cor", descoberto não sabemos onde. Antes, elo o fomentará, se os Hitlers indigenas tivessem um dia em mão o Poder, preconceito a Frente Negra seriam enterrados com um decreto engenizador, desses que esterilizam toda aquela creatura humana que não representão puro "sangue como de cavalo de corrida" para a nova aristocracia da gentet branca, em formação apresada nos palzes desgraçados pelo fascismo.

H O M O

(* Licinio Cardoso dizia em 1923: "Os ingleses libertaram os negros quando haviam soluçionado a porte mais pesada da mão da obra, substituindo o negro escravizado pela machina a vapor em sua economia industrial". Isto mostra a interdependencia economica do adento da emancipação, em 88, e não o magnanidade de princesa nenhuma.

(*) aparte de um congressista, registrado pela imprensa, comp. "Diario da Noite" 4-b-33.

ESTÃO pululando em São Paulo, num inaudito e incrível florescimento, as sociedades de cultura.

Quasi todas seguem o rumo as que se propõem estudar mais ou menos os problemas sociais, como as que se interessam em campos gerais — tem o defeito de não declarar abertamente o seu rumo certo.

Algumas tem caráter fascista, outras "socialista", outras ainda nem sabem o rumo a tomar e declaram em seus manifestos que vão ainda estudar estes problemas antes de se decidirem por uma direção determinada.

Refletem quasi todas um admiravel confusionalismo politico, mas as ultimas têm o defeito grace dos seus componentes não possuírem a minima conciencia e a minima ciencia dos problemas reais da sociedade.

Dai o seu caráter de grupos de estudo mais do que acção.

O que porém não lhes impediria, numa situação politica mais tensa, de cair em mãos de elementos reacionarios e fascistas.

H. H.

Fabrica de Colchões

PAULO MAGGIONINI

Rua Frederico Abranches N. 5

Tel. 5-1226

DAS camisas vermelhas de Garibaldi ás camisas azuis de Plínio Salgado, o camisismo está descendo de degrau em degrau. Se continuarmos com esse ritmo, esgotar-se-á ao ultimo degrau, quando não tendo mais o que descer, o fascismo terá que jogar para fora camisa, cueco, bota, emblema, todo o seu arsenal de mistificação carnavalesca e mostrar-se nu, na sua verdadeira essencia de monstro sanguinario.

Aquele pobre Garibaldi não teria jamais imaginado que iria botar no mundo uma tal abundancia de camisas, uma tão degenerada e falsificada descendencia. Proliferam por aí as camisas mais ou menos sujas de sangue e lama, ou em espectativa de selo. A Roma de Mussolini, como um tempo a Roma dos Papas, é o grande laboratorio onde se costumam as multicores uniformes do exercito da escravização internacional. Os lugares-tenentes internacionais de Mussolini, se são mais imbecios do Generalissimo, são e serão, em compensação muito mais ferozes.

H. H.

ARTE

O MACACÃO DO KING-KONG E AS EXPOSIÇÕES DE PINTURA DE PARRAIS E DE CLODOMIRO AMAZONAS

Na mesma rua onde a SPAM exhibe as telas de Picasso, Lhote, Chirico, Léger, Segall, etc., ha uma outra sala onde estão expostos os quadros do pintor Parrais. É a mesma coisa que a gente ver aquele bruto macacão da fita King Kong, acorrentado e exposto em um teatro modernissimo de Nova York. Uma coisa antidiluviana. E é só.

"Eu sou o unico pintor brasileiro que compreendeu a natureza brasileira".

Compreender não quer sempre dizer pintar. Por exemplo: si um vendedor, ou um dono de padaria visitar a exposição de Clodomiro Amazonas, ele compreenderá imediatamente que aqueles quadros serviriam ótимальmente para fazer as folhinhas-brinde de Natal e Ano Bom, mas nunca lhe passaria pela cabeça que o pintor Clodomiro Amazonas que o pintor Clodomiro Amazonas — o mesmo que ganhou tres annos para pintar o luar "tão bonito, com aquela luz pretada que bate sobre as folhagens..." — tivesse querido pintar a natureza brasileira.

Só mesmo aquele macacão King-Kong, alto quinze metros, caindo em cima disso e arrastado tudo com o seu bruto peso.

CASA KAFTAL

Marroquinaria de luxo

Rua Sebastião Pereira N. 34